



Espaço de inclusão: jardim sensorial na Universidade da Maturidade - Palmas - Tocantins

Space of inclusion: sensory garden at the Universidade da Maturidade - Palmas-Tocantins

Euler Rui Barbosa Tavares

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia da Universidade Federal do Tocantins (EDUCANORTE - UFT)

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Tocantins (IFTO)

Endereço: Quadra Ae 310 Sul, Av. NS 10, s/n, Plano Diretor Sul, Palmas - TO, CEP: 77021-090

E-mail: euler.tavares@ifto.edu.br

Maria de Lourdes Leoncio Macedo

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia da Universidade Federal do Tocantins (EDUCANORTE - UFT)

Instituição: Rede Estadual de Ensino do Tocantins -TO

Endereço: Praça dos Girassóis, s/n, Plano Diretor Norte, Palmas - TO, CEP: 77003-910

E-mail: mariamacedo@seduc.to.gov.br

Núbia Pereira Brito Oliveira

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Instituição: Rede Municipal de Educação de Palmas-Tocantins

Endereço: Quadra 104 Norte Rua NE 1, Conj. 02, Lt. 22, 104 Norte, Palmas - TO, CEP: 77006-016

E-mail: professoranubiabrito@gmail.com

Marlon Santos de Oliveira Brito

Doutorando em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Endereço: Quadra109 Norte Av. NS 15, ALCNO 14, Plano Diretor Norte, Palmas – TO, CEP: 77001-090

E-mail: marlonoliveirabrito@gmail.com

Glauce Gonçalves da Silva Gomes

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Instituição: Rede Estadual de Educação do Tocantins

Endereço: Praça dos Girassóis, s/n, Plano Diretor Norte, Palmas - TO, CEP: 77003-910

E-mail: glaucegomes@seduc.to.gov.br



Wesquisley Vidal de Santana

Doutorando em Educação na Amazônia

Instituição: Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Endereço: Quadra 109 Norte Av. NS 15, ALCNO 14, Plano Diretor Norte,
Palmas – TO, CEP: 77001-090

E-mail: wesquisley_santana@hotmail.com

Neila Barbosa Osório

Pós-Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Instituição: Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins
(UMA - UFT)

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. NS 15, ALCNO 14, Plano Diretor Norte,
Palmas – TO, CEP: 77001-090

E-mail: neilaosorio@mail.uft.edu.br

Jocyleia Santana dos Santos

Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

Instituição: Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Endereço: Quadra 109 Norte Av. NS 15, ALCNO 14, Plano Diretor Norte,
Palmas – TO, CEP: 77001-090

E-mail: jocyleiasantana@gmail.com

RESUMO

Objetiva-se, por meio do presente artigo, apresentar a relevância do jardim sensorial como ferramenta de inclusão e um espaço de estudo para a diversidade geracional no campus Palmas da Universidade Federal do Tocantins. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizados estudos, norteados pela fenomenologia, sobre a construção de um jardim sensorial na Universidade da Maturidade (UMA) na perspectiva de se tornar um espaço de inclusão para a diversidade geracional e de um ambiente sustentável no contexto da Amazônia. A construção metodológica foi desenvolvida por meio de abordagem qualitativa, objetivos exploratórios, com revisão de literatura e análise documental. Os sujeitos da investigação foram os acadêmicos velhos da UMA e da Uni Católica do Município de Palmas/TO. Os resultados indicam disposição pessoal dos professores em buscar os conhecimentos necessários e desenvolver metodologias adequadas para incluir os discentes velhos, jovens e crianças com deficiência, frequentadores ou não da Universidade da Maturidade em Palmas - Tocantins.

Palavras-chave: jardim sensorial, educação, intergeracionalidade, educação inclusiva.

ABSTRACT

The objective, through this article, is to present the relevance of the sensory garden as an inclusion tool and a study space for generational diversity on the Palmas campus of the Federal University of Tocantins. For the development of this research, studies were carried out, guided by phenomenology, on the



construction of a sensory garden at the University of Maturity (UMA) with the perspective of becoming a space of inclusion for generational diversity and a sustainable environment in the context of the Amazon . The methodological construction was developed through a qualitative approach, exploratory objectives, with literature review and documentary analysis. The subjects of the investigation were old academics from UMA and Uni Católica in the Municipality of Palmas/TO. The results indicate the personal willingness of teachers to seek the necessary knowledge and develop appropriate methodologies to include old and young students and children with disabilities, whether or not they attend the Maturity University in Palmas - Tocantins.

Keywords: sensory garden, education, intergenerationality, inclusive education.

1 INTRODUÇÃO

O jardim... quando se ouve esta palavra, remete-se, de forma automática, para um espaço, seja físico ou mental, um local com flores, plantas, colorido, perfumado, alegre, o fundo verde da grama, árvores e arvoredos, que contrasta com os coloridos das flores de várias espécies em conjunto com as borboletas, abelhas, e outros elementos importantes que auxiliam na fecundação e polinização das plantas. A palavra jardim, segundo o dicionário Aurélio (2004), significa “terreno onde se cultivam plantas para recreio e estudo”.

De acordo com Paiva e Alves (2001), a palavra jardim tem sua origem na língua hebraica, composta pela junção de “gan” que significa proteger, defender e “éden” com o sentido de prazer, satisfação e encanto.

Questionado sobre a definição do termo a uma pessoa com deficiência visual, ela descreveu:

[...] ao adentrar no jardim eu pude sentir e ouvir a água, ouvi pássaros cantando, senti que há pedras formando passarelas, e que me foram descritos, senti o cheiro aromatizador de algumas plantas medicinais e outras que são utilizadas para temperos como o coentro, pude sentir por meio do tato o espaço para os pássaros, e senti o alpiste, alimento para os pássaros que vivem por ali. Foi-me descrito também um espaço para abelhas sem ferrão, vejo isto como interessante, pois na medida que o espaço possui flores e plantas é adequado para as abelhas, enfim fiquei encantado com o jardim sensorial. (Sol, 2022, entrevista individual).



Criado em 2022, o jardim sensorial, da Universidade da Maturidade (UMA), localizado no espaço físico da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Palmas. O projeto do referido jardim, em parceria com a UniCatólica Tocantins, foi construído por estudantes do Curso de Engenharia, ocorrido no primeiro semestre de 2022.

É importante salientar, que o jardim sensorial foi construído com materiais como: restos de construção, madeiras, mudas de hortaliças, flores, plantas medicinais, pneus, entre outros, que foram doados pela comunidade. O espaço é um local para apreciação da natureza e bem-estar para a comunidade universitária.

Nesse sentido, o estudo que se apresenta tem como objetivo geral tratar sobre a relevância do jardim sensorial como ferramenta de inclusão e espaço de estudo para a diversidade geracional, implementado no Campus Palmas da Universidade Federal do Tocantins.

2 METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos desse estudo foram norteados pela teoria da fenomenologia, pelo fato de desvelar a cotidianidade do mundo do ser em que a experiência se passa e transparece na descrição de suas vivências, consciências, falas, sensações, emoções e pensamentos, permitindo-lhe questionar o fenômeno que deseja compreender.

Nesse sentido, a fenomenologia é, afinal, um método de aprendizagem diretamente relacionado à experiência cultural e, em essência, atento ao problema do sentido da existência. Assim, todos nós somos aprendizes, em relação ao outro, constantemente desafiados a nos tornar mais plenamente sujeitos de nossa própria história, de nosso próprio discurso intercultural e intergeracional (Rezende, 1990).

Considera-se a fenomenologia um método que nos proporciona o caminho de se buscar o acesso ao mundo originalmente pela percepção e não pelas explicações elaboradas da tradição técnico-científica. Por conseguinte,



propomos que a concepção desse método seja a referência para apontarmos as contribuições da fenomenologia para a educação. Segundo, Caminha (2012):

O paradigma fenomenológico nos mostra que os educadores devem valorizar o desenvolvimento integral da pessoa, considerando sua inteligência e sensibilidade. Nesse sentido, a autonomia, a responsabilidade, a solidariedade, a criatividade e a iniciativa devem substituir o mero conformismo da ordem estabelecida. Do ponto de vista fenomenológico, o sujeito ético, estético e político deve ser uma referência permanente da formação humana por meio da autonomia, sensibilidade e cidadania, elidindo o preconceito. (Caminha, 2012, p.18).

Nossa experiência, como pesquisador, tem sido, na trilha da abordagem fenomenológica, um movimento de investigação direta e de descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente, tão livre quanto possível, de pressupostos e de preconceitos, conforme afirma Rocha (2019).

Desse modo, ressalta-se que o fundamental da educação é a formação, seja pelo ensino, pela pesquisa ou pela extensão, segundo o autor mencionado anteriormente.

No mesmo sentido, Ewald (2008) afirma que a fenomenologia faz o mundo parecer um fenômeno e é a consciência intencional, essa consciência “de” alguma coisa, que apreende o fenômeno nas suas várias possibilidades. É a vivência imediata da consciência, tomada como ato intencional de uma percepção, emoção, imaginação e recordação, por exemplo, que visa um objeto, adotado por Husserl como ponto de partida para discutir o conhecimento. “[...] o psíquico não é aparência empírica; é “vivência”, averiguada na reflexão”.

Dessa forma, para este estudo, optou-se pela pesquisa qualitativa e objetivos exploratórios, com revisão de literatura e análise documental. Foi aplicado questionário via Google Forms, composto por sete questões e um espaço para o participante deixar uma mensagem. Tivemos um total de 22 pessoas que responderam o questionário, tanto os velhos da UMA quanto os estudantes da UniCatólica, que trabalharam na construção do Jardim Sensorial, sendo 28,6% da UniCatólica e 71,4% da Universidade da Maturidade.

Por concebermos que esta abordagem é a que melhor retrata o fenômeno educacional ou a educação como fenômeno, contrapomo-nos aos fundamentos



das pesquisas em ciências naturais e destacamos as experiências vivenciais e a experiência consciente de sujeito, aprendendo o sentido do objeto, isto é, dos ideais hipotéticos teórico-dedutivos (Rocha e Maia, 2017).

A maioria dos participantes parabenizou pela ação educacional, solidária e inclusiva. Esse jardim é um rico espaço de integração e de pesquisas no campo científico. Esta produção é um estudo inicial para os demais estudos e práticas que serão oriundos desse espaço.

Nesse sentido, o jardim sensorial da Universidade da Maturidade surgiu da necessidade de desenvolver um projeto de pesquisa, ensino e extensão que possibilitassem a inclusão de estudantes velhos e de pessoas com deficiência em atividades intergeracionais.

Para que aconteça uma verdadeira atividade intergeracional entre a pessoa velha e as crianças e jovens, deve-se readquirir o valor da família em si própria, seja no domínio padrão, na vizinhança, na troca de serviços e de afetos, na participação da vida cotidiana, lugar natural de encontro e compreensão, de reciprocidade, de reconhecimento do outro, de colaboração mútua (Osório, 2002, p. 59)

Além disso, essa atividade efetivada no jardim sensorial visa integrar as crianças, adolescentes e jovens com deficiência visual, mental, física, auditiva e outras, de maneira a estimular os sentidos de forma intercultural, adquirindo noções de horticultura pelo plantio de hortaliças, incentivar o consumo de frutos e hortaliças e promover a conscientização sobre a conservação do meio ambiente. Também utilizamos as oficinas de reciclagem, com o objetivo de, ao final do período de atuação, os resultados sejam expressivos, no ambiente escolar e doméstico. As ações visam à organização e ampliação das espécies oléricas e terapêuticas plantadas, como forma de intensificar a conscientização sobre a importância da estimulação dos sentidos.

Essa parceria proporcionou uma significativa contrapartida social, educacional e cultural, bem como a oportunidade de professores repassarem seus conhecimentos e dos estudantes terem a experiência da atuação em trabalhos extensionistas, se desenvolvendo como cidadãos e futuros profissionais.



3 REFERENCIAL TEÓRICO

Além do contato com a natureza, o jardim sensorial proporciona ao sujeito ver e tocar as plantas, sentir cheiros e sabores, escutar sons reproduzidos por plantas e interagir no ambiente, sendo assim, uma associação dos diferentes sentidos, visando estimular a percepção do ambiente de forma completa e de diferentes formas. Ressaltando essa visão, Silva e Libano (2014) afirmam que, por meio da percepção durante as atividades, é possível a integração com o meio ambiente.

O jardim sensorial da Universidade da Maturidade foi planejado como atividades em seu espaço, envolvendo estudantes e professores em práticas de pesquisa e extensão, de formação inicial e continuada, promovendo a sensibilização sobre o ensino inclusivo e a acessibilidade.

Idealizado como um espaço voltado à acessibilidade e inclusão, seu *design* foi projetado para proporcionar aos visitantes a independência durante sua visita, como, por exemplo, o piso rebuscado de britas e gramas para guiar as pessoas com deficiência visual. Para os estímulos auditivos, foi feita uma fonte de luz e utilizou-se, ainda, de blocos coloridos, contribuindo para os sentidos da visão, plantas aromáticas no intento de desenvolver o olfato, além de plantas comestíveis e terapêuticas, a fim de desenvolver o paladar, como um viés de inclusão.

Nesse sentido, é fulcral que seja garantida:

[...] a inclusão (relacionada com o acesso de todas as pessoas e grupos a terem uma boa educação de qualidade e com as oportunidades de atingirem resultados desejados), a relevância (concernente à medida em que os resultados de aprendizagem são significativos para todos os aprendentes independentemente da idade, classe social ou especificidades de deficiência, valorizados pelas comunidades e consistentes com as prioridades de desenvolvimento nacionais) e a participação democrática relacionada com a participação, o debate público e a voz enquanto condições imprescindíveis para realizar as outras dimensões da justiça social, para a efetivação da acessibilidade (Rosário, Souza, e Rocha, 2021, p. 211).

Para além da acessibilidade e inclusão arquitetônica, o projeto do jardim sensorial possibilitou aos estudantes velhos a acessibilidade pedagógica,



propondo materiais e atividades que ampliem o ensino inclusivo nas referidas áreas, garantindo, também, a inclusão na Universidade.

Pelo prisma por onde se percebe, o jardim sensorial possibilita pensar os desafios da formação, pela perspectiva da universidade, mas não formação em geral e, sim, uma formação geográfica e culturalmente localizada, no caso em discussão na Amazônia. Primeiramente, porque não se trata só do papel da universidade frente à formação docente, mas, também, das responsabilidades docentes, individuais e sociais daqueles que se encontram em formação discente (Marciel, 2016).

Sabe-se que, desde a antiguidade, os jardins foram espaços criados para o lazer e prazer, onde era possível viajar no tempo, experimentar sensações diferentes, promover encontros e entrar em contato com a natureza em sua mais exuberante expressão (Chimentthi; Cruz, 2008).

Analisando-se a evolução histórica de jardins sensoriais, verifica-se que as funções destes se modificaram ao longo do tempo, mas, de forma geral, no passado, não privilegiaram o acesso e o desfrute pelas pessoas com deficiência, principalmente, as que possuíam a limitação da visão. Para muitas civilizações antigas, essas pessoas eram vítimas de preconceitos. Além disso, os jardins antigos foram sempre concebidos mais para serem vistos do que sentidos e eram símbolos evidentes da riqueza e poder de seus proprietários (Leão, 2007).

Atualmente, é notável que um grupo minoritário da população continua a ser excluída de usufruir destes espaços naturais de lazer. Dentre essas pessoas, estão aquelas que possuem deficiência física, auditiva, visual e autista. Para que eles tenham acesso a esses locais, torna-se necessária uma estrutura física adaptada que os contemple. Isso porque o modo como os parques e jardins são planejados e construídos privilegia, primordialmente, o sentido da visão para seu usufruto.

Ainda segundo Leão (2007), as pessoas com deficiência visual são excluídas de uma experiência completa nos jardins tradicionais e Mosquera (2009) nos mostra que elas não vivem num mundo à parte, mas que interagem com o meio e precisam se sentir incluídas na sociedade.



Essas “minorias sociais presente na Amazônia”, são grupos marginalizados no contexto social, em função de aspectos econômicos, sociais, culturais, físicos, idade ou religiosos, são aquelas que são deixadas em determinada vulnerabilidade e tem seus direitos negados pelo Poder público. Ao passo que o termo “diversidade” tem sido cada vez mais comum nos documentos, ações e projetos de governos, retratando a pluralidade das pessoas e afeita à tolerância. Nós fazemos opção pela abordagem das “diferenças” para refletirmos as minorias sociais, por estarem mais associadas ao reconhecimento e igualdade de direito, no intento de elidir a exclusão social (Rocha, 2019, p. 01).

Essa exclusão que a Amazônia tem vivido ao longo de sua história demonstra que a inclusão escolar, que vinha caminhando a passos lentos na região, fica ainda mais comprometida a partir do ano de 2020, em virtude da pandemia ocasionada pela Covid-19 em todo o mundo, cujas consequências podem ser constatadas no Relatório de Monitoramento Global da Educação. Pode-se afirmar que a pandemia apresenta três consequências para a inclusão na educação: perda de aprendizagem; aumento da pobreza devido à recessão e interrupção dos serviços de suporte, as quais afetam mais os estudantes desfavorecidos, como afirmam os autores a seguir:

Essa realidade sempre esteve presente nas redes de ensino brasileiro, antes da pandemia e expostas mais claramente com a pandemia. Na verdade, a população amazônica vive em uma situação de constante «apagão digital», o que revela mais uma das formas de exclusão às quais é submetida a maior parte da sociedade local (Rosário, SOUZA, e Rocha, 2021, p. 210).

Assim, pode-se definir o homem a partir de três perspectivas: determinadamente criado (epistemologia teológica), biológico-racional (epistemologia genética) ou biológico-sociocultural (epistemologia materialista). Essa última perspectiva concebe o homem não somente como animal, biológico, mas fundamentalmente, como um ser vivo que, ao procurar transformar a natureza para sua própria sobrevivência e inclusão, acabou desenvolvendo em si capacidades que o fizeram se distinguir dos outros animais: as faculdades humanas, diz Marciel (2016).

Os jardins, de modo geral, representam um espaço de lazer e prazer. Por meio desse espaço, é possível experimentar sensações diferentes e entrar em



contato com a natureza em sua mais exuberante expressão. O jardim sensorial difere dos jardins comuns em sua proposta, ele deixa de ser apenas uma área de lazer para se tornar um instrumento de inclusão social de pessoas com diversos tipos de necessidades.

Neste caso, cada uma de suas relações humanas com o mundo, como ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, observar, perceber, desejar, atuar e amar, em resumo, todos os órgãos de sua individualidade, como os órgãos que são imediatamente comunitários em sua forma são, em seu comportamento objetivo, seu comportamento desde o objeto à apropriação deste. Logo, em suas relações de apropriação do mundo, por meio do trabalho e da educação, o homem tem desenvolvido suas múltiplas capacidades sensoriais e intelectuais (Marciel, 2016).

O jardim sensorial é diferente de um tradicional, haja vista que ele tem a possibilidade de estimular os sentidos, apresentando diversos benefícios, tais como: ser um ótimo lugar para encontros, convívios e lazer. Ele pode ser utilizado como uma tecnologia social com um viés educacional, intergeracional e intercultural para desenvolver a aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens com deficiência e pessoas velhas. Esta relação intergeracional é definida por Osório, (2002) e esclarece que:

[...]a convivência entre jovens e idosos na Universidade da Maturidade, oriundos de distintas realidades, não se separa da influência histórica, ela oferece a originalidade e solidariedade por meio dos valores existenciais do passado e oferece uma aproximação intergeracional neles enraizados culturalmente (Osório, 2002, p. 117).

O jardim sensorial pode proporcionar aos discentes, jovens com deficiência e as pessoas velhas uma troca de saberes entre as gerações. Um diálogo importante que outorga segurança às contestações e pluralidade imaginativas da humanidade, enfatizado, inclusive, por Rocha e Maia (2017):

O ser humano se constitui por meio de um processo complexo: somos ao mesmo tempo semelhantes (enquanto gênero humano) e muito diferentes (enquanto forma de realização do humano ao longo da história e da cultura). Podemos dizer que o que nos torna mais semelhantes enquanto gênero humano é o fato de todos



apresentarmos diferenças: de gênero, raça/etnia, idades, deficiência, culturas, experiências, entre outros. E mais: somos desafiados pela própria experiência humana a aprender a conviver com as diferenças. O nosso grande desafio está em desenvolver uma postura ética de não hierarquizar as diferenças e entender que nenhum grupo humano e social é melhor ou pior do que outro. Na realidade, somos diferentes (Rocha e Maia, 2017, p. 223).

Não propomos que esses fenômenos sejam naturalmente distintos ou que tenham ocorrido assincronamente. Essa distinção é, antes, uma estratégia analítica de olhar com lupa o período histórico e diversas gerações que vivem e convivem entre si, construindo, assim, o seu próprio espaço social. (Senkevics, 2021).

Ressalta-se, ainda, que esse ambiente é indicado por médicos para auxiliar pessoas velhas com problemas de saúde (Detoni, 2001). Considerado, também, um espaço de convívio social e que deve ser compartilhado por qualquer cidadão, incluindo as pessoas com deficiência em geral e pessoas velhas (Osório, 2018).

Segundo Matos *et al* (2013), os jardins são sinônimos de entretenimento e descanso, onde a natureza é responsável por proporcionar sensações variadas no contato feito pelo sujeito além do conhecimento adquirido. A dinâmica a qual o jardim propõe auxilia, de maneira positiva, no processo de aprendizagem do indivíduo por ser uma tecnologia social que desperta o interesse de quem utiliza.

Não se pode olvidar, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideias [...]. (Hage, Silva e Costa, 2020, p. 12).

A proposta de se criar um ambiente educacional como o jardim sensorial “vem da necessidade de tornar equânime o outro sentido, para além do sentido da visão na aprendizagem, criando um ambiente de educação cooperativa e inclusiva” (Silva e Libano, 2014, p.07).



[...] fortalecendo o debate de que, é de fundamental importância o desenvolvimento de um processo educativo que pautas as condições históricas dos sujeitos, para que os mesmos se articulem, se organizem, e se assumam enquanto sujeitos de direitos, e construtores históricos da sua própria inclusão na educação (Hage, Silva e Costa, 2020, p. 20).

Ademais, Silva, (2018, p. 07) afirma que “o jardim sensorial tem um poder de desenvolvimento psicológico, cognitivo, emocional e terapêutico e principalmente educacional, o mesmo se torna uma ótima metodologia e uma forma de ser trabalhada a educação inclusiva em todos seus aspectos”.

Além da estrutura física do jardim, para desenvolver os aspectos psicológico, cognitivo, emocional, terapêutico e, principalmente, educacional, “é necessário ter atenção no que diz respeito à parte vegetal que irá constituir-lo, já que todas as pessoas seja ela com conhecimento ou não sobre determinadas espécies, terão acesso a ele” (Farias, 2020, p.19).

Tendo em vista as características da população que visitará o jardim sensorial, “a escolha das plantas que irão estar acessíveis requer alguns cuidados” (Carvalho, 2011, p. 39). Esse cuidado é necessário, para que nenhum visitante tenha eventuais problemas, ao entrar em contato com alguma espécie botânica prejudicial à saúde.

Portanto, no contexto amazonense, para tornar acessível o jardim sensorial, faz-se necessário o *lôcus* do processo educativo especificamente sobre os territórios e as territorialidades das águas, das terras e das florestas, com seus diversos saberes, viveres e conviveres entre si, com a comunidade e a natureza, cujas fronteiras não são físicas, mas inter-relacionadas às questões políticas, culturais, ambientais, econômicas e sociais (Vasconcelos e Albarado, 2020).

Desse modo, como ideia inovadora, o Jardim Sensorial na Universidade da Maturidade propicia uma abordagem multidisciplinar, relacionando noções de interações ecossistêmicas e de biodiversidade existentes ao visitante, evidenciando sua qualidade socioeducativa (Osório, 2018).

Por isso, defendemos as diversidades e complexidades presentes nos territórios da Amazônia, em que a cultura, terra, água, os movimentos sociais,



florestas e jardins constituem-se como matrizes formadoras dos sujeitos educadores e educandos que nos ensinam e aprendem que a educação e a escolarização são práticas sociais de dimensões sócio-históricas, tornando-as o lugar privilegiado de aprendizagem e construção de um dispositivo pedagógico mais inclusivo, orgânico e de resistência para afirmar as identidades dos povos das águas e florestas das múltiplas Amazônias, bem como dos brasileiros (Hage, Silva e Costa, 2020).

Considera-se que os jardins constituem espaços organizados com múltiplas funções, como a educacional, científica, social, ecológica e estética, além de se constituir como um espaço de bem-estar (Rocha e Cavalleiro, 2001).

A proposta de aprendizado, em um jardim sensorial, ultrapassa os conteúdos previstos para as disciplinas relacionadas em sala de aula. Além das plantas, há vários outros organismos relacionados ao ecossistema que estabelecem relação direta ou indireta entre si. (Bonametti, 2000).

Com sensibilidade, dizem que é “igualmente” importante uma leitura, por meio daquilo que não se vê, mas com que se identifica, ou melhor, por meio daquilo que não se consegue ver, mas se sente, isto é, percebendo-se tudo o que ajuda a ter sensações ou por tudo o que torna a visão possível e o que faz ver mais do que poderia ver.

Evidencia-se, como exemplo disso, as árvores, que à noite tornam-se espectros, e o vento, que invade o intervalo entre elas. O espaço do jardim propicia essa aproximação, o que, por vezes, passa despercebida e, além disso, esse ambiente pode ser contemplado por sua beleza em seu ambiente natural.

Dessa forma, o espaço de um jardim sensorial oferece recursos para que ocorram aprendizagens significativas, principalmente, em crianças, adolescentes e jovens com deficiência e pessoas velhas. Nesse local, o visitante é convidado a sentir o cheiro das plantas aromáticas, o sabor das plantas comestíveis, a textura das folhas nas pontas dos dedos, ouvir o som dos pássaros ao redor e do vento, podendo, por fim, observar a beleza das plantas, expressando, visualmente, um verdadeiro processo de inclusão intergeracional.



Seguindo a ideia da inclusão, os jardins sensoriais são aludidos, por vários autores, como um importante aliado para a Educação Inclusiva e, quanto as suas particularidades, diferem dos jardins comuns em sua proposta básica:

[...] ele deixa de ser apenas uma área de lazer e de contemplação para se tornar uma ferramenta de inclusão, educação e participação social de pessoas com diversos tipos de especificidades, além da possibilidade de simular diversos ambientes encontrados em ecossistemas naturais (Osório, 2018, p. 28).

O jardim sensorial estimula os sentidos que podem estar adormecidos, não sendo de uso exclusivo para pessoas com deficiência e/ou que estão em fase de reabilitação, mas para toda a sociedade.

Ademais, as sociedades são formadas por pessoas de diversos grupos étnicos, sociais, políticos, religiosos, etários, com deficiência, entre outros, razão pela qual a educação deve contemplar a diversidade humana como um eixo norteador para o desenvolvimento das ações pedagógicas (Colares e Colares, 2016).

Assim, entendemos que as lutas desencadeadas na perspectiva da emancipação humana são profundamente educativas, na medida em que apontam para a superação de todas as formas de opressão, mantendo, contudo, o aprendizado intrínseco ao modo de vida em sociedade, com suas particularidades. Diferentemente de outros animais, biologicamente destinados a uma determinada tarefa, a herança genética do homem não garante a vida social, isto é, coletiva.

Portanto, é preciso aprender que a educação é um vínculo entre o conhecimento e ação, de tal forma que "A história só é possível quando o homem não começa de novo e do princípio, mas se liga ao trabalho e aos resultados obtidos pelas gerações precedentes". (Colares, 2012, p. 190).

No mesmo sentido, Leão (2007) explica que a implantação de jardins e parques, dotados de facilidades que garantam acessibilidade e inclusão às pessoas com deficiência, é essencial no mundo moderno. Esses espaços podem se tornar excelentes formas de incluir essas pessoas na sociedade, proporcionando-lhes uma alternativa de lazer, recreação, contato com a



natureza, mais possibilidades de socialização e integração e, conseqüentemente, melhoria na qualidade de vida, por meio de um ambiente educacional.

Conforme Silva e Libano (2014), a proposta de se criar um ambiente educacional como o jardim sensorial vem da necessidade de tornar equânimes os outros sentidos para além do sentido da visão na aprendizagem, criando um ambiente de educação cooperativa e inclusiva. Além de dispor de uma organização funcional, o espaço precisa ter boas condições de mobilidade e acessibilidade, preservando os educandos de obstáculos, possivelmente, perigosos e proporcionando maior autonomia.

Assim, espera-se que o Jardim Sensorial da Universidade da Maturidade, torne-se referência quanto ao sinergismo entre sensações, emoções, sentimentos, relaxamento e diminuição do estresse, sendo, portanto, um ambiente restaurativo e terapêutico, aumentando o bem-estar dos visitantes, bem como a valorização e o desenvolvimento de aprendizagem dos usuários, além de já ser um local de lazer do Campus da Universidade Federal do Tocantins, engajado e consciente no respeito à diversidade do meio ambiente.

Por fim, recomenda-se que mais estudos sejam realizados, considerando o número insatisfatório de pesquisas específicas em jardins sensoriais para melhor compreensão das nuances que envolvem esses espaços, abordando categorias como idade, classe social e infância rural ou urbana, pois a experiência pode influenciar a percepção. Realizar análises longitudinais que possam acompanhar visitas semanais durante um determinado período, como gerar informações para investigação dos benefícios em longo e curto prazo da experiência no Jardim Sensorial da Universidade da Maturidade.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Neste estudo, é preconizado que, no Jardim Sensorial, as primeiras visitas de pessoas com deficiência ou velhas, sejam acompanhadas por profissionais capacitados que façam descrições verbais da natureza local. Espera-se que, após algumas visitas ao local, essas pessoas estejam habilitadas para percorrê-



lo sozinhas e com autoconfiança. Isso vem ao encontro de observações em que a autonomia para agir é fundamental para qualquer indivíduo com deficiência ou velho, pois o movimento é fonte da ação, experiência, integração sensorial, aprendizagem e construção do conhecimento. Dentre os pesquisados, 61,9% não conheciam um jardim sensorial e consideraram que é um espaço de integração, educação intergeracional e inclusivo.

Um jardim sensorial propõe-se mostrar mais do que os olhos estão acostumados a ver, o nome já o qualifica: sensorial. Como afirma Veiga (2008), é como reconhecer a Natureza de outra maneira, por meio da textura das folhas, do cheiro e sabor das flores ou do som dos pássaros e vento. Mais do que um conceito filosófico, essa é uma ótima maneira para instigar o amor às plantas e sustentabilidade entre as pessoas com deficiência, assim como aos velhos.

Em relação aos questionários aplicados, 22 pessoas responderam. Houve maior participação dos acadêmicos da Universidade da Maturidade em relação aos da UniCatólica. Foi questionado em que os partícipes da pesquisa auxiliaram na construção do Jardim Sensorial: 80% ajudaram na organização do espaço do jardim, 15% auxiliaram na elaboração do projeto e 5% na busca por parceiros para doação de materiais para a construção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cumprе salientar que a construção desse espaço, que carrega premissas da educação ambiental, inclusão e sustentabilidade, tem potencial de mobilizar discentes, docentes, funcionários e a comunidade externa, na busca por novos conhecimentos e experiências, sendo uma real tecnologia social paradidática, educativa e inclusiva, pois estimula e fortalece um vínculo afetivo com seu visitante, reforçando a ligação existente entre os temas formais e o cotidiano das pessoas envolvidas.

Esse projeto é baseado na revitalização de um espaço subutilizado que se torna um ambiente de ensino, pesquisa e extensão, utilizado pelos docentes e com demanda frequente pelos educadores como recurso de ensino não formal. Um total de 95,2% dos participantes recomenda que o Jardim Sensorial da UMA



seja visitado pela comunidade e que oportunize, para pessoas com deficiência, explorar e sentir esse espaço.

Portanto, conclui-se que a implementação do Jardim Sensorial na UFT foi uma proposta inovadora e que, por meio deste trabalho, conduz como direcionamento de recursos para implantação e busca pela continuidade técnica, científica e intergeracional junto à instituição de ensino.



REFERÊNCIAS

BONAMETTI, J. H. Arborização urbana. *In: Terra e Cultura*, Ano XIX, 2003.

CAMINHA, I. de O. Fenomenologia e Educação. Trilhas Filosóficas – **Revista Acadêmica de Filosofia**, ano V, n. 2, p. 11-21, jul.-dez. Caicó-RN, 2012. ISSN 1984-5561.

CARVALHO, C. S. P. **O Jardim Sensorial**: um recurso para a estimulação sensorial de surdocegos. Instituto Politécnico de Lisboa. Escola Superior de Educação de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Educação Especial. 2011. Disponível em: [https://repositorio.ipl.pt/bitstream O jardim senso...](https://repositorio.ipl.pt/bitstream/O_jardim_senso...) Acesso em: 25 jun. 2022.

CHIMENTTHI, B; CRUZ, G. & **Cia.arq**, Niterói, RJ, 2007.

COLARES, A. A. História da educação na Amazônia. Questões de natureza teórico-metodológicas: críticas e proposições. **Revista HISTEDBR Online**, v. 11, n. 43e, p. 187–202, Campinas, SP, 2012.

COLARES, A. A.; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. AMAZÔNIA: o universal e o singular. *In: COLARES, A. A.; COLARES, M. L. I. S. (org.). Educação e realidade amazônica*. Uberlândia: Navegando Publicações, p. 11 a 23, 2016.

DETONI, M. **Jardins feitos para pegar, ver e cheirar as atrações**. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 set. 2001.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio**: O dicionário da língua portuguesa. 6 ed. : Editora Positivo Ltda, Curitiba, 2004.

EWALD, A. P. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 8, núm. 2, agosto, p. 149-165 Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2008.

FARIAS, M. I. R. **A Utilização do Jardim Sensorial na APAE/PB como Recurso de Ensino e Aprendizagem**. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Areia. 2020.

HAGE, S. A. M.; SILVA, H. do Socorro de Araújo; COSTA, M. C. dos S. Formação de professoras e professores na Amazônia paraense: regulação, resistências e experiências contra hegemônicas. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.16, 2020.

LEÃO, J. F. M. C. **Identificação, seleção e caracterização de espécies vegetais destinadas à instalação de jardins sensoriais táteis para deficientes visuais, em Piracicaba (SP)**. Brasil, 2007. 136 f. Tese (Doutorado em Agronomia) - Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” /Universidade



de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:
http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11136/tde18102007_104447/pt-br.php. Acesso em: 25 jun. 2022.

MACIEL, A. C. Desafios da formação docente em face da expansão capitalista na Amazônia. **Revista Argumentos Pró-Educação**, v. 1, n. 1, p. 19-44, jan./abr. Pouso Alegre, MG, 2016.

MATOS, M. A.; GABRIEL, J. L. C.; BICUDO, L. R. H. Projeto e construção de jardim sensorial no jardim botânico do IBB/UNESP. **Revista Ciência em Extensão**, v. 9, n. 2, p.141-151, Botucatu, SP, 2013.

MOSQUERA, C. F. F. **Deficiência visual**. Curitiba, PR: Editora. IBPEX, 2009.

OSÓRIO, M. G. W. *et al.* **O Jardim Sensorial como instrumento para Educação Ambiental, Inclusão e Formação Humana**. p.69, Florianópolis, SC, 2018.

OSÓRIO, N. B. **Uma Proposta de Instrumentalização para jovens Universitários atuarem junto a Idosos Institucionalizados, Inspirada na Pedagogia Salesiana**, Ano de obtenção: 2002. Tese de Doutorado defendida pela Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2002.

PAIVA, P.D.O.; ALVES, S.F.N. **Paisagismo 1: históricas definições e caracterizações**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001.

REZENDE, A. M. de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo, Cortez, 1990.

ROCHA, D. **Pesquisas com/as minorias nortistas amazônidas: aportes teóricos de um póscurrículo das diferenças**. Anais da 39ª Anped Nacional, UFF, Niterói-RJ. 2019.

ROCHA, D. MAIA, M. A pesquisa implicada de inspiração fenomenológica para estudos in situ de/com sujeitos sociais da diversidade sexual e de gênero. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem-Estar**. RECH/UFAM. (on line). Ano 1, Vol. I, Número 1, Jul-Dez, p. 220-237, Manaus - AM, 2017.

ROCHA, Y.T; CAVALHEIRO, F. Aspectos históricos do Jardim Botânico de São Paulo. **Rev. Bras. Bot.**, v. 24, n. 4, Dec. São Paulo, 2001.

ROSÁRIO, M. J. do; SOUZA, M. de F. M.; ROCHA, G. R. da. Desenvolver a Amazônia com justiça ambiental: questões para repensar os problemas da educação regional. **Revista Lusófona de Educação**, n. 52, p. 201-214, 2021.



SENKEVICS, A. S. A expansão recente do ensino superior: cinco tendências de 1991 a 2020. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais: cenários do direito à educação**, v. 3, n. 4. 2021.

SILVA, B. F. **A importância dos jardins sensoriais para o processo de ensino aprendizagem na educação de pessoas com deficiência na APAE/Areia-PB**/Bruno Ferreira da Silva - Areia: UFPB/CCA, 2018. 53 f.: il. Disponível em: <https://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/handle/browse>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SILVA, M. O. C.; LIBANO, A. **Botânica para os sentidos: preposição de plantas para elaboração de um jardim sensorial**. Brasília, DF. 2014.

VASCONCELOS, M. E. de O.; ALBARADO, Edilson da Costa. Educação, formação docente e territorialidades amazônicas. **Revista Espaço Acadêmico** 20(223), p.13-23. 2020.

VEIGA, C. B. Jardim sensorial. **Natureza**, ano 21, n. 245, jun. São Paulo, 2008.